

# **A MÚSICA NO ENSINO DE HISTÓRIA: REFLEXÕES SOBRE O CENTRO EDUCACIONAL DE PINDAÍ - BA**

Eva Graciela Ribeiro da Silva<sup>1</sup>

## **RESUMO:**

O presente trabalho tem a finalidade de investigar o uso da música no Ensino de História no Centro Educacional de Pindaí- BA, tendo como recorte temporal o ano letivo de 1998 a 2000. Pretende-se investigar como essa linguagem era utilizada pelo professor no ensino de história. Essa pesquisa constitui fruto de indagações provenientes de quando ainda cursava o Ensino Fundamental na referida escola, e também de minha atuação como bolsista de Iniciação a Docência no PIBID/História/UNEB. O estudo ainda possui caráter inicial, as fontes dessa análise valeram-se de entrevistas (grupo focal), cadernetas escolares e de livros didáticos, compreende - se que a linguagem musical constitui um caminho possível para entender como se dá o aprendizado da ciência histórica. Considera-se que a realização deste trabalho é de grande relevância para o referido município, pois possibilita reflexões a respeito do Ensino de História e da educação histórica a partir do uso da música na aula de história, sendo pertinente elencar que não se tem conhecimento de pesquisas nesse âmbito na mesma Instituição Escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de História, Música, Educação histórica.

## **INTRODUÇÃO:**

A presente pesquisa pretende refletir sobre o uso da música no Ensino de História, especificamente no Centro Educacional de Pindaí- CEP, em Pindaí-Ba. Nesse contexto, vale salientar que as pesquisas na área da educação e ensino vêm conquistando novos espaços no campo historiográfico decorrer dos anos.

Este trabalho será realizado no Centro Educacional de Pindaí- CEP em Pindaí-Ba, cidade emancipada em 07/04/1963, com população de 15.628 habitantes. O antigo CEP, atualmente Colégio Municipal Prefeito Francisco Teixeira Cotrim- CEPFTC foi à primeira escola secundária da cidade, fundada em 1975. O presente estudo tem como temporalidade o ano letivo de 2000.

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado da Bahia, Campus VI, Caetité, e-mail: eva-gracielar@hotmail.com. Bolsista de Iniciação à Docência pelo PIBID/CAPES /UNEB. Tendo como orientadora desse trabalho a professora Mestre Luciana Oliveira Correia( e-mail; musasativa@yahoo.com); Professora do curso de História do Departamento de Ciências Humanas, campus VI (Caetité) da Universidade do Estado da Bahia; Doutoranda do programa Desarrollo Psicológico, Aprendizaje y Educación: perspectivas contemporáneas da Universidad de Alcalá de Henares, Espanha.

A respeito dessa escola, Santos (2014), chama atenção para as reais condições de preservação, conservação e organização em que se encontram a documentação da

escola. Desse modo, faz-se necessário aprofundar pesquisas nessa instituição de ensino, documentar dados relevantes para conhecer mais sobre o ensino de história, antes que vestígios e indícios importantes se percam.

Para realizar este estudo, que tem caráter inicial, pretende utilizar-se do grupo focal, composto por professores que lecionaram a disciplina de História nos anos de 1998 a 2000 buscando entender e problematizar esse uso na aula de história. Utilizando-se também de cadernetas escolares, livro didático, cadernos de alunos, para melhor investigar essa questão no ensino de história em Pindai- BA.

Considera-se possibilidades a partir dessa pesquisa de sugerir a produção de um produto didático ou paradidático para ser utilizado na formação de professores e no ensino fundamental no Colégio Municipal Prefeito Francisco Teixeira Cotrim, antigo CEP- Centro Educacional de Pindaí- Bahia.

No decorrer da Licenciatura em História e na participação no Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), no Subprojeto “O Ensino de História na Educação Básica como ofício do historiador: dilemas da formação inicial” da professora Luciana Oliveira Correia, novas inquietações surgiram fortalecendo o desejo de pesquisar essa prática utilizada no ensino de história.

#### **JUSTIFICATIVA:**

Este trabalho visa fomentar questões em torno da referida linguagem musical no Ensino de História em Pindaí - BA, nos anos de 1998 a 2000. E assim investigar o porquê que os professores da educação básica utilizavam deste recurso. Busca interpretar o uso da música como recurso didático, tentando compreender quem a utilizou primeiro? A reflexão pode ser norteada investigando Quais os anseios que os professores tinham ao adotar a música na aula de história? Ao escolher pesquisar sobre a música no ensino de História, surgiu a primeira indagação. Será que esta linguagem é utilizada de forma “mecânica”? De onde surgiu a ideia de utilizar essa linguagem na aula de história? De fato esta linguagem é pensada antes de ser indicada e trabalhada em sala de aula?

Considera-se que este estudo seja de fundamental importância para tentar esclarecer as lacunas no ensino de história na referida unidade escolar, buscando investigar os mecanismos usados na educação histórica no Ensino fundamental. É pertinente nessa pesquisa problematizar a postura adotada pelo professor frente aos recursos didáticos usados no ensino de história, nesse caso específico à música. Tentar

perceber as peculiaridades de cada professor ao usar da linguagem musical se torna essencial para buscar compreender os objetivos e as motivações que os levavam a se valer desse uso ou não da música em sua trajetória docente.

### **REFERENCIAL TEÓRICO:**

A partir das problemáticas que podem ser estudadas na sala de aula e para além desta, o presente trabalho busca entender o uso da música no ensino de história visando perceber os dilemas dessa linguagem nesse campo de análise. Notamos que existe um caminho longo a ser percorrido quanto às questões que envolvem cultura escolar e o saber histórico ensinado. Pensar esse cenário significa problematizar sujeitos históricos e a construção do conhecimento histórico sobre fatos da História, que marcam nossos dias.

As pesquisas na área da educação e ensino não eram vistas como objeto de estudos de historiadores ficando por muito tempo restrito a área da pedagogia, ao trabalho dos pedagogos. Oliveira (2003) sustenta:

Historicamente, as universidades no Brasil pouco se voltaram para a questão do ensino. Na pesquisa histórica e sobre ensino de História, não foi diferente. O ensino de História foi visto, até a década de 60, como área de formação, não como objeto de pesquisa. Na visão dicotômica da total separação entre ensino e pesquisa, o primeiro foi associado, estritamente, às ditas questões pedagógicas. (OLIVEIRA, 2003, p. 39).

Desenvolver pesquisas no âmbito do ensino se torna parte de nosso ofício de historiadores, isso se mostra transparente quando tomamos consciência que ensino e pesquisa estão interligados, vale lembrar os embates e percalços existentes nessa trajetória de consolidação do Ensino como objeto de pesquisa. . Com o passar do tempo alargou-se a visão sobre o ensino como objeto de pesquisa da história, Oliveira (2003) considera a decisão da Associação Nacional de História - ANPUH, que diz:

Sinal desses novos tempos, a mais importante entidade científica da área, a Associação Nacional de História – ANPUH, após a sua opção fundamental, nas décadas de 70/80 do século passado, pela inclusão dos profissionais dos, então, primeiro e segundo graus (hoje, ensino fundamental e médio), impôs-se a discussão sobre as relações entre os vários níveis de ensino e, deles, com a pesquisa. ( OLIVEIRA, 2003, p.51)

Ao que diz respeito ao ambiente de discussões na Associação Nacional de História-ANPUH, em relação ao ensino de História visto como campo de pesquisa, Oliveira (2003) elenca a existência de debates em que muitos sustentam que o espaço

oferecido não foi tão grande, outros rebatem a ideia defendendo que o ensino tem tido espaço sim, baseando-se diante de reuniões com a comissão das apresentações de trabalhos. Enfim vale ressaltar que a mais importante publicação da ANPHU, a Revista Brasileira de História incorporou a temática do Ensino, sendo vista como discussão privilegiada da entidade. (OLIVEIRA, 2003).

O ensino de história na educação básica passou por um contexto de debates fervorosos no período da Ditadura Militar. Nesse sentido, é preciso entender que este campo de investigação ainda passa por dificuldades, e é importante salientar a importância de pesquisas nesse meio. Sobre este cenário Fonseca & Silva (2010) considera que:

O ensino de História na educação básica brasileira foi objeto de intenso debate, lutas políticas e teóricas no contexto de resistências a política educacional da ditadura civil-militar brasileira (1964-1984). Isso significou refletir sobre o estado do conhecimento histórico e do debate pedagógico, bem como combater a disciplina “Estudos Sociais” e a desvalorização da História, os currículos fragmentados, a formação de professores em Licenciaturas Curtas e os conteúdos dos livros didáticos difundidos naquele momento, processo articulado às lutas contra as políticas de precarização da profissão docente. O encerramento daquela experiência ditatorial não significa a inexistência de novas e velhas dificuldades a serem enfrentadas no cotidiano do ensino de História. (FONSECA & SILVA, 2010 p. 1).

Percebe-se que devemos voltar um olhar minucioso sobre a trajetória do ensino de história, sobretudo para a cultura escolar Juliá (2001), esta perpassa a sala de aula e requer uma reflexão ampliada indo para além dos saberes curriculares, levando em consideração as normas e as práticas escolares, investigando o ambiente escolar nas mais diferenciadas relações conflituosas que esta mantém com as culturas que lhe são contemporâneas.

Nos últimos anos a pesquisa científica cresceu significativamente, e o objeto de estudo é a aprendizagem da História. Nesse viés, o presente estudo pretende entender o elo da música com a construção do aprendizado histórico dos alunos no ensino fundamental no Centro Educacional de Pindaí-BA. Seguindo nessas reflexões, Fonseca & Silva (2010), considera que estudos sobre as culturas escolares se tornaram importantes para entender o processo de ensino e aprendizagem, com a seguinte proposição:

(...) cresceu a pesquisa científica cujo objeto de estudo é o ensino e a aprendizagem de História; passou-se a valorizar, cada

vez mais, a cultura escolar, os saberes e as práticas educativas desenvolvidas em diferentes lugares por docentes e outros atores do processo educativo. Essa foi uma conquista importante porque reafirmou, entre-nos, a concepção de que ensinar História não é apenas repetir reproduzir conhecimentos eruditos produzidos noutros espaços: existe também uma produção escolar. (FONSECA & SILVA, 2010 p. 2).

Pressupõe-se que exista uma produção escolar, uma vez que existem diferenças entre determinadas culturas escolares, dentre outros aspectos a aplicação dos conteúdos em sala de aula. A escola e os professores muitas vezes estão criando estratégias para complementar os saberes curriculares, englobando inovações como o trabalho desenvolvido em sala de aula com o uso de diversificadas linguagens no ensino de história.

É importante abordar, como dito anteriormente o código disciplinar da história uma vez que a partir desse conceito outras reflexões podem ser feitas a cerca dos diferentes saberes e a transposição didática nas disciplinas escolares. Sobre isso, Mainer (2010) faz a seguinte citação de que existe: “Em efecto, sudistinción entre saber sabio (ciencia), saber a enseñar (curriculo regulado), saber enseñado (lo que *hace* el profesor) y saber aprendido (lo que *aprende* el niño)...”(p. 19). Torna-se necessário um novo olhar, novas reflexões sobre o aprendizado da história.

Ao refletirmos sobre as aulas de história, devemos estar atentos as minúcias do cotidiano escolar, do que é ensinado historicamente nas escolas e de que modo é ensinado. Mainer (2010) sustenta que:

La institución escolar no se limita a reproducir( o transponer, como veremos) lo que nace y está fuera de ella, sino que transforma y transmuta, crea un nuevo saber —abstracto, desvitalizado, diseñado para el atontamiento y para el examen, para *disciplinar* en el amplio sentido de la palabra: inculcar, instruir, domesticar y someter un saber apropiado, en fin, a los fines de la institución. (MAINER, 2010 p.10).

Considera no presente estudo, a possibilidade de vincularmos à música juntamente com outros documentos em sala de aula, e a partir disso entender como se dá o processo de formação da consciência histórica dos alunos, como sustenta Chaves (2009):

Que o trabalho com a música e o uso de outros documentos históricos podem permitir ao professor desenvolver a construção do pensamento histórico buscando a evidência histórica a partir de fontes, explicação histórica a partir da

historiografia e, para o aluno, a produção de narrativas históricas sobre o tema estudado. (CHAVES, 2009, p.120).

Nas reflexões que seguem sobre o Ensino de História e as diversas linguagens utilizadas em sala de aula, ao qual está inserida à música. Bittencourt (2004) sustenta que:

A música tem-se tornado objeto de pesquisa de historiadores muito recentemente e sido utilizada como material didático com certa frequência nas aulas de História. Entre os “tipos” de música que atraem tanto pesquisadores brasileiros como professores, a “música popular” sobressai. (BITTENCOURT, 2004, p. 378).

Os estudos nessa área são recentes, vale salientar que muitas problemáticas podem ser encontradas ao analisar a música no ensino de História. A temática desperta inquietações, pois se faz necessário como propõe Bittencourt (2004, p.380) nos atentar que “existe enorme diferença entre *ouvir* e *pensar* a música”, questionar como se realiza este uso ou não da música no ensino de história, é um dos objetivos da presente pesquisa. Pretende-se então observar a presença ou ausência dessa linguagem nos livros didáticos, confrontar as informações com questionários, planos de curso e cadernetas escolares, buscando entender a formação do conhecimento histórico em sala de aula.

Outra consideração a respeito dessa temática é observar que no ensino de história muitas vezes não nota uma ligação entre análise da música, compositor e contexto social, como ressalta a autora Bittencourt (2004, p.381). “costuma-se analisar a letra separada da música e autor sem contexto social em que produz a obra”. Atentamo-nos ainda sobre a reflexão de Bittencourt (2004) para a importância de:

A contribuição dos historiadores também é significativa em virtude do método de análise dessa documentação, a qual possui linguagem específica, associando vários componentes e diferentes sujeitos, a saber: autor, intérprete, músicos, gravadores, produtores e técnicos, além de consumidores (BITTENCOURT, 2004, p. 381).

Vale destacar estudos sobre a Indústria Cultural, uma vez que a música é uma produção inserida na cultura e que perpassa por todo um processo envolvendo compositor (a), produtor, gravadoras e cantores até chegar ao público. A respeito da Indústria Cultural, estudiosos como Horkheimer e Adorno (1985, p.118) apontam reflexões, “O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural”. Baseando nesse apontamento eles tecem considerações sobre a indústria cultural e seus reflexos na sociedade.

A partir dessas reflexões elencam que a massa passou a consumir os produtos provenientes de determinados grupos dominantes de uma forma inconsciente, a cultura foi produzida e disseminada e por diversas vezes se tornou uma mercadoria. Percebe-se que o trabalho do historiador deve ser minucioso ao tratar da música, pois esta traz vários aspectos que devem analisados cuidadosamente ao estar vinculada a formação de sujeitos críticos da História do seu tempo.

Nos estudos de Aróstegui (2006), vimos que segundo ele o discurso histórico acaba por ser composto de simbolismo cultural. Por outro lado convém dizer que o discurso historiográfico é a “reconstrução” ou “representação” que a historiografia faz da história. Nessa perspectiva o histórico impõe papel determinante na consciência dos indivíduos. Essa ação de história como ontologia e a história como discurso acaba por formar a consciência histórica. Essa consciência histórica se torna algo bastante discutido na atualidade, podemos pensar o papel do professor e do ensino de história na formação dessa consciência histórica nos alunos. Aróstegui (2006, p.291) acrescenta que “A consciência histórica também é naturalmente, um objeto da pesquisa da história, da atribuição da historiografia”.

Deste modo, convém tecer reflexões sobre questões latentes quanto ao papel do ensino de história. Nesse sentido, Carretero(2006), faz questionamentos a respeito do ensino de história, repensando essa prática indo além do ato de reproduzir os conteúdos em sala de aula. Essa obra age como suporte para a presente pesquisa, pois possibilita reflexões sobre o processo de formação dos indivíduos, importância que a escola e o ensino de História exercem na vida cotidiana destes, e também por nos fazer pensar em um novo tipo de história indo além dos paradigmas tradicionais do Ensino e da Historiografia.

Mário Carretero (2010) direciona sua escrita partindo do conhecido conto da “Branca de Neve”, dando enfoque para a pergunta que a madrasta da Branca de Neve faz ao espelho, nesse caso especificamente o espelho é de “Clio”. E nesse sentido o espelho vai responder que existe outra ainda mais bela e que esta, pode vir a superá-la. Nesse sentido Carretero (2010)aponta:

(...) É válido ainda hoje o ensino da história sob as mesmas finalidades e métodos dos quais a madrasta da Branca de Neve se utilizava, no começo do conto, ao reproduzir sua própria imagem tomada de narcisismo, e diante da qual nenhuma crítica podia surgir? Ou por acaso chegou o momento, já inadiável, no qual a sentença do espelho se rompa e abra fronteira aos novos personagens—e portanto, ao “nó” do relato—



confrontando a madrastra com o fato de que nem se quer a propriedade de seu reino, nem a importância de seus atributos—embora reiteradamente confirmados—ficam incólumes com o passar do tempo e com a dimensão da história, na qual outros sujeitos históricos competem? (CARRETERO, 2010, p.18).

Possivelmente, tais indagações podem ser feitas sobre a História e sobre a questão do ensino de história na atualidade. As inquietações que surgem no cotidiano instigam-nos a buscar respostas para os problemas enfrentados, evidenciando ou não as causas destes. Problematizando a pesquisa, atentamo-nos para os questionamentos que serão analisados para além do simples ato de utilizar neste caso especialmente músicas na construção do aprendizado histórico da sala de aula.

Pode-se questionar como este recurso é utilizado na atualidade (em qual frequência)? Que tipos de História querem ensinar? Qual contribuição este estudo pode trazer para o ensino de História? Quais as possíveis chances de se produzir um material paradidático, abordando sugestões de uso e alertando para os cuidados que se deve ter ao utilizarmos deste recurso em sala de aula? Pode-se também questionar Como o ensino de história trata as questões relacionadas à identidade dos indivíduos? Repensando os processos culturais aos quais estão inseridos.

É importante salientar como diz Carretero (2010, p.263) que chegou o momento “de abrir o marco do espelho de Clio”. Faz-se pertinente atentar que o ensino de História precisa compreender a existência de outros e de outras histórias, discutir sobre o papel da escola e também sobre a formação de cidadãos capazes de atravessar “o espelho de Clio”, deve ser um dos objetivos do nosso ofício de historiadores e de docentes em formação.

## **METODOLOGIA:**

Como já foi citado em outros momentos, este estudo tem como principais fontes, as cadernetas escolares, livros didáticos, cadernos de alunos e planos de curso, dentre outros documentos escolares que possam contribuir como análise para a presente pesquisa. Nesse sentido utilizarei ainda como processo metodológico o grupo focal formado por professores de história da unidade escolar em estudo, tendo como objetivo a obtenção informações qualitativas sobre o uso da música no ensino de história. Sobre o grupo focal, Gomes & Barbosa (1999) sustentam que:

Um grupo focal (GF) é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade. É uma técnica rápida e de baixo custo para avaliação e obtenção de dados e informações

qualitativas (...) fornecendo uma riqueza de informações sobre atividades que já foram realizadas (...) (GOMES & BARBOSA, 1999 p. 1)

A análise das cadernetas escolares será realizada no ambiente escolar ao qual a pesquisa é direcionada. Este procedimento é pautado em visitas a escola, conduzida por um funcionário ao local onde se encontra os documentos escolares. Vale salientar que o professor orientador envia à escola um documento explicando os motivos ao qual o aluno pesquisador necessita estar inserido neste campo de estudo.

O livro didático é um caminho minucioso neste trabalho, que deve ser percorrido com bastante atenção pelo pesquisador, este documento possui informações que podem dizer muito a respeito de um grupo ou de uma instituição de ensino. Neste caso específico para a presente pesquisa, o acesso a este documento não foi fácil na unidade escolar, haja vista que a escola descarta os livros didáticos dos anos letivos anteriores para atividades de “recorte e cole” ou simplesmente são encaminhados para reciclagem. Diante dessa situação, o livro ao qual será utilizado para análise é fruto de um acervo pessoal. Faz-se relevante ressaltar que esta é uma forma pela qual se pode ter acesso a alguns documentos escolares importantes para pesquisas.

Sobre a análise de livros didáticos, alguns estudiosos têm sustentado discussões sobre os cuidados, perigos, e importância de se voltar os olhos (para este material visto como fontes para estudar a questão do ensino de História e Educação). Nesse sentido, Oliveira (2003) aponta que é de grande importância as pesquisas realizadas nos livros didáticos, ressaltando que estas discussões já se concretizaram em vários trabalhos acadêmicos.

Os cadernos de alunos e os planos de curso serão analisados juntamente com os livros didáticos e as cadernetas escolares ambos do ano letivo de 2000. Nesse sentido ALVES-MAZOTTI (2001) sustenta que estes documentos são muito utilizados nas pesquisas em história da educação contendo assim muitas informações importantes para estudar este campo.

Atentando-nos no presente momento para o saber que é construído dentro da própria cultura escolar pelo professor da escola básica, refletindo assim sobre a formação das disciplinas escolares e a constituição do código disciplinar de história e as inovações que muito podem contribuir para o ensino de história e para a educação histórica no ensino fundamental.

Sobre a análise documental ALVES-MAZOTTI (2001) sustenta que o pesquisador precisa conhecer por qual instituição ou por quem estes documentos foram criados(p.169).

Diante o que foi visto é importante salientar que ao utilizarmos a metodologia da análise documental e também a utilização do grupo focal faz-se essencial estar consciente dos princípios éticos que o pesquisador deve ter ao terem contato com as fontes para sua pesquisa. Considera-se que estes procedimentos metodológicos constituem ferramentas importantes para se chegar aos objetivos do presente estudo. Dentre os autores que tecem considerações a respeito da análise documental Aróstegui (2006), ressalta que ao ter contato com os documentos “o historiador não lê “para ver o que há”, senão buscando coisas orientadas por um projeto prévio de observação”. (ARÓSTEGUI, 2006 p. 521).

Ao voltarmos o olhar para as sugestões de música nos livros didáticos de história, observamos que muitas músicas já fazem parte dos manuais escolares como um “hino” que acompanha determinado conteúdo, por exemplo, as produções musicais usadas para abordar “O período da Ditadura Militar” e “O governo de Getúlio Vargas”. É necessário pensar em usar músicas de variados estilos, numa perspectiva de aproximar a história ensinada da realidade dos alunos, para que eles sintam-se inseridos no processo do aprendizado histórico. Através do uso de uma música conhecida por determinada faixa etária, é possível discutir em sala de aula sobre diversos aspectos do cotidiano dos alunos ali inseridos. Pensar formas de educação histórica se torna essencial para o ensino de história e para a escola que deve ser planejada para os tempos atuais.

Ao fim do fechamento desse texto ainda não se tem resultados conclusivos. Mas ao problematizarmos as cadernetas escolares e os livros didáticos, pressuponho que o uso da música na maioria das vezes só foi adotado por causa da sugestão do livro didático.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADORNO; Theodor W; HORKHEIMER, Max. “Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas.” Rio de Janeiro: Jorge Zaar Ed., 1985.

ARÓSTEGUI, Júlio. Sociedade e Tempo. A Teoria da História. “Técnicas na pesquisa Histórica” **In: A Pesquisa Histórica: teoria e método.** São Paulo: Edusc 2006.

ALVES-MAZOTTI, Alda Judity. & GEWANDSZNAJDER, Fernando. “O Método nas ciências naturais e sociais: pesquisa qualitativa e quantitativa.” São Paulo. 2001.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. “Ensino de História: fundamentos e métodos”. São Paulo: Cortez, 2004.

CARRETERO, Mario. “Documentos de Identidade: a construção da memória histórica em um mundo globalizado”. 2010.

CHAVES, Edilson Aparecido. VVAA. “Ensinar e Aprender História em quadrinhos e canções.” 1. Ed. Curitiba: Base editorial, 2009. 120p.

GOMES, Maria Elasir S. & BARBOSA, Eduardo F. “A Técnica de Grupos Focais para Obtenção de Dados Qualitativos.” **In: EDUCATIVA, Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais, www.educativa.org.br**, 1999.

JULIÁ, Dominique. “A cultura escolar como objeto histórico.” **In: Revista Brasileira de História da Educação.** Campinas: Editora Autores Associados, nº 1, p. 9 - 43, Jan./Jun. 2001.

MAINER, Juan. “LA HISTORIA DE LAS DISCIPLINAS ESCOLARES Génesis y problemas de un joven campo de investigación.” El interés del proyecto Nebraska (Fedicaria) en el tema. 2010.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. “Direito ao Passado. Uma discussão necessária à formação do profissional de História”. Recife. 2003 (Tese de Doutorado).

SANTOS, Vânia Muniz dos. “Possibilidades de Pesquisas em História da Educação no Interior da Bahia: O Centro Educacional de Pindaí (1975-1985)”. Caetité-BA, 2014 (Monografia). A

SILVA, Marcos A. & FONSECA S. "Ensino de História hoje: Errâncias, conquistas e perdas." **In: Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 31, nº 60, p. 13-33 – 2010.